

# Breve ensaio sobre as ideias sobre educação de José Martí e Domingo F. Sarmiento

**Resumo:** José Martí lutou por uma educação que valorizasse os traços do povo sofrido destas terras, juntamente com o orgulho de se sentir filho das repúblicas dolorosas da América. Sonhou com uma educação que desse a munção para a libertação, mas que não mudasse a natureza de luta, a relação com a terra e o orgulho que o latino carrega no peito. Essa educação serviria para retirar o homem da barbárie imposta pelo estrangeiro. Barbárie que também foi muito combatida por outra figura latina: Domingo F. Sarmiento. Através do que poderia ser considerada uma “modernização conservadora”, Sarmiento implantou uma série de políticas educacionais, alicerçadas no modelo europeu de modernização, que visavam o desenvolvimento econômico e cultural da Argentina do século XIX. Através da ideia de retirar o povo argentino da barbárie social ao qual estava inserido, Sarmiento instituiu o ensino primário, público, obrigatório e laico. Fundou centros de ensino profissional, alicerçando assim sua ideia de uma integração entre educação e desenvolvimento econômico e industrial. Tanto Martí, com seu americanismo, e Sarmiento, com sua luta incessante contra a barbárie, traçam caminhos parecidos na busca pela valorização das pátrias latinas, mas acabam por diferenciarem-se quando leva em consideração a forma e as armas utilizadas na busca por essa valorização, por essa independência. Este artigo pretende fazer um breve ensaio entre as ideias sobre educação de Martí e as políticas educacionais de Sarmiento, buscando pontos de aproximação e de distanciamento do ideário pedagógico de ambos.

**Palavras-chave:** Martí, José. Sarmiento, Domingo F. Emancipação social. Educação. América Latina. Civilização.

**Vitor Aleixo Schütz**

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos.

vitor79@gmail.com

A América Latina sempre demonstrou ser uma região de eferescência e transformação. Em especial, o século XIX tem grande significado na história latino-americana, pois foi o período de tempo dominado pelos ideais de independência, fomentando as guerras pela liberdade ante o colonizador. O século XIX também foi a era da transição econômica da exploração ao comércio e à indústria, influenciado pela retomada industrial, principalmente da Inglaterra, e da ascensão de uma nova potência: os Estados Unidos.

O aumento das áreas agrícolas e a proliferação dos latifúndios alavancaram o comércio internacional, tornando o capitalismo o modelo predominante de produção nas nações latino-americanas. O impulso econômico causado pelo capitalismo aumentou a demanda por matérias-primas, destinadas à indústria, fortalecendo também o crescimento dos Estados industrializados.

El impulso económico de la época aumentó la demanda de alimentos y materias primas, lo cual llevó a una especialización en los cultivos. En efecto, la demanda europea creció al ritmo del crecimiento de los estados industrializados. (SÁNCHEZ-BARBA, 1988, p. 71)

O sistema bancário cresce e se desenvolve à medida em que a necessidade e as oportunidades surgem. O desenvolvimento dos transportes marítimo e ferroviário, a concentração de fábricas em centros industriais e o aperfeiçoamento de novas tecnologias voltadas para a obtenção de matérias-primas surgiram como demandas para atender esse “novo” capitalismo industrial emergente.

A expansão do capitalismo significou a expansão de um sistema econômico dominante. O capitalismo se converteu na forma predominante de produção no mundo inteiro. A aplicação desse “progresso industrial” implicou no desenvolvimento de algumas regiões, contudo, também trouxe pobreza e desequilíbrio para a grande parte da população camponesa.

Assim sendo, percebe-se que o impulso econômico dessa época influenciou certas formas de produção, acentuando a dependência das regiões subdesenvolvidas, através do comércio com os países consumidores, como a Inglaterra.

Neste contexto, surgiram na América Latina personalidades preocupadas com o desenvolvimento social e econômico do povo. Pessoas que se preocuparam com a educação do povo, para que este pudesse assumir seu papel como construtor de sua nação e dono de seu próprio futuro. Essa libertação somente seria possível através do acesso a uma educação emancipadora, que permitisse descobrir um caminho ao desenvolvimento social e econômico do sujeito.

Dentro deste contexto, dois educadores latinos ganharam destaque na busca por essa educação emancipadora e libertadora: José Martí e Domingo F. Sarmiento. As concepções pedagógicas de ambos trazem à luz ideias, como educação profissional e científica, desenvolvimento econômico e transformação social. Para eles, a verdadeira liberdade somente seria alcançada através da educação. Assim, desenvolveram ideias e, até mesmo, políticas educacionais que possibilitassem essa transformação social e a emancipação do povo latino-americano.

## Martí e a educação

José Martí viveu em um período marcado pelas afirmações das repúblicas latino-americanas como nações independentes e, no caso de Cuba e Porto Rico, a luta pelas suas independências perante a Espanha. O século XIX via o domínio espanhol decair ante suas ex-colônias, mas começava a enxergar o crescimento do “gigante com botas de sete léguas” no norte da América.

Esse gigante trazia admiração e, ao mesmo tempo, temor ao coração de Martí. A admiração era causada pelos avanços no trato com a terra, nas novas tecnologias e na educação pública que vinha sendo instituída na nação norte-americana. O temor partia do medo que este gigante, com seu crescente imperialismo, lançasse sua dominação sobre os irmãos latinos, forçando assim uma luta eterna contra a dominação externa, minando as forças numa luta em vão.

Martí lutou bravamente pela independência de Cuba. Acreditava que a verdadeira independência somente viria através de um rompimento definitivo com a Espanha e, pensando no gigante do Norte, também a independência em relação a esse império que se formava. Por esse ideal de liberdade cubana, morreu em batalha durante as lutas por essa independência. A trajetória de Martí passa por caminhos de busca de coerência através da ética e política e mesmo na morte, buscava conseguir abraçar seu grande ideal: a independência de Cuba.

A trajetória de José Martí se assemelha a um terreno do qual jorram fontes de água nova por todos os lados. Há nele uma permanente e ousada busca de coerência com princípios éticos e políticos, o que fez com que vivesse a maior parte de sua vida no exílio. Quando retornou, ironicamente, foi para morrer na luta pelo grande projeto de sua vida, a independência de Cuba. (STRECK, 2008, p. 24)

Martí tem espalhado em suas obras o que poderia servir como semente para uma pedagogia latino-americana. Valorizava as virtudes éticas e cívicas, base para a formação de um povo grande, forte e livre.

A educação não deveria subtrair a cultura do povo aceitando imposições exteriores, como se fosse esse o caminho para o crescimento da nação. A educação deveria apropriar-se do novo, porém, somente daquilo que faria crescer a nação, não renegando sua

cultura própria, mas adaptando o que “vem de fora” aos costumes do homem da terra.

Ao ler os textos pedagógicos de José Martí, é possível afirmar que com ele se inaugura uma maneira de fazer pedagogia que vai desaguar, décadas depois, no vasto estuário que passou a ser conhecido como educação popular e que representa uma contribuição peculiar da América Latina no contexto internacional. Trata-se de uma pedagogia que acompanha o movimento da sociedade e nela assume posições de denúncia e anúncio. (STRECK, 2008, p. 80)

O homem do campo, não acostumado às minúcias das academias e dos centros educacionais, deveria ter a chance de receber uma educação que “lhe fizesse sentido”. Essa educação buscaria uma vivência amorosa entre o professor e o aluno, entre os conhecimentos científicos e práticos. Não se ensinaria as artes refinadas, mas o conhecimento que auxiliaria na vida do homem simples da terra e na melhora de seu cultivo. Ao invés de retirar o camponês de sua vida, mestres itinerantes percorreriam as vilas, aparecendo de tempos em tempos, respondendo às perguntas, questionando e auxiliando na melhor forma de realizar o cultivo, se caso houvesse algum erro.

No enviaríamos pedagogos por los campos, sino conversadores. Dómines no enviaríamos, sino gente instruida que fuera respondiendo a las dudas que los ignorantes les presentasen o las preguntas que tuviesen preparados para cuando vinieran, y observando dónde se cometian errores de cultivo o se desconocian riquezas explotables, para que revelasen éstas y demostraram aquéllos, com el remedio al pie de la demostración. (MARTÍ, 2001, v. 8, p. 291)

A educação científica ganha importância no conceito educacional de Martí quando associada ao desenvolvimento de novas técnicas de trato da terra, aliando o conhecimento teórico (científico) ao prático (conhecimento informal do homem) e tornando a educação um ser vivo, que orienta e auxilia diariamente a vida no campo. O ensino de ciências não é um ensino restrito às disciplinas naturais, mas trata-se de uma total reorganização da educação pública, tendo a ciência como condutor das práticas educativas, tornando todo o ensino um estudo científico.

Y el medio único de ponérselas es hacer de modo que el elemento científico sea com el hueso del sistema de educación pública. Que la enseñanza científica vaya como la savia em los árboles, de la raíz al tope de la educación pública. – Que la enseñanza elemental sea ya elementalmente científica: que em vez de la historia de Josué, se enseñe la de la formación de la tierra. (MARTÍ, 2007, v. 8, p. 278)

Essa tendência que Martí defende, de um ensino científico e não de “ciências” encontra-se com a formação da *escola nova*<sup>1</sup>, onde, para um uso educacional da ciência, (STRECK, 2008, p. 59) “[...] seria necessário desenvolver na sociedade a consciência de que a vida humana pode ser dirigida e que os instrumentos para essa direção provêm da e através da ciência.”

(1) Escola Nova é um dos nomes dados a um movimento de renovação do ensino que foi especialmente forte na Europa, na América e no Brasil, na primeira metade do século XX. Um conceito essencial do movimento aparece especialmente em Dewey. Para ele, as escolas deviam deixar de serem meros locais de transmissão de conhecimentos e tornar-se pequenas comunidades.

## Sarmiento e a educação

Domingos Faustino Sarmiento nasceu em um lar humilde na Província de San Juan, Argentina, em 1811. Vivendo na pobreza, teve uma infância marcada pela luta de sua mãe em educá-lo, pelas peraltices de menino e pela decepção de terem lhe tirado uma bolsa de estudos devido ao seu “gênio” forte.

Mesmo assim, alçado aos estudos, construiu um caminho que o levaria de menino pobre a presidente da nação. Grande opositor ao caudilhismo, do qual dizia ser um dos grandes culpados pela pobreza argentina, acabou sendo exilado por Rosas<sup>2</sup>. Expulso de sua terra, realizou viagens que serviram para a criação de sua pedagogia de fundo social. Mais gestor do que mesmo educador, Sarmiento buscou traduzir em obras suas ideias, mas sem nenhum prejuízo da moral e dos valores do espírito. Dizia-se socialista, mas pelo social.

(2) Caudilho foi governador da Província de Buenos Aires, tendo o status de um presidente da nação.

Viveu por muito tempo no Chile, onde empreendeu mudanças profundas e, mesmo controversas, no modelo educacional chileno, cultivando críticos aos seus métodos, como Andrés Bello<sup>3</sup>. Mesmo distante, lutou ferozmente contra o regime do caudilhismo e contra a “barbárie”, que segundo ele, assolava o território argentino.

(3) Nascido na Venezuela, foi um destacado poeta e filósofo, exercendo a função de jurista e educador. Era contrário as ideias de Sarmiento, pois defendia como prioridade o Ensino Superior e não o Ensino Primário.

De volta à sua pátria, em 1855 (depois de ser preso em um retorno anterior), vai de editor de jornal aos cargos de Ministro, Governador, Senador, até ser nomeado Presidente da Argentina em 1868.

Para livrar-se da barbárie que assolava o território argentino, Sarmiento voltou-se à educação como ferramenta de transforma-

ção social do povo humilde. A educação, em sua ótica, tem papel fundamental. Para tanto, o autor é considerado o construtor do sistema escolar argentino.

A preocupação real de Sarmiento era transformar a Argentina numa nação desenvolvida e industrializada, extirpando de seu íntimo a condição de colonizado e a realocando na condição de colonizador.

Para dar início a essa transformação, Sarmiento, através de suas viagens<sup>4</sup>, entra em contato com novas visões de políticas e modelos educacionais, evidenciando-se o modelo de educação da Prússia e as escolas profissionais norte-americanas, além de formas de organização social, onde a higiene e os bons modos são exaltados.

Tomando o modo de vida europeu e estadunidense como parâmetros, o choque entre as realidades do velho continente, da América anglo-saxônica e da América latina, traz à retina a comparação mais simples entre povos distintos: o povo civilizado e o povo bárbaro.

Sarmiento percebia a necessidade de “apresentar a civilização” ao povo argentino, levando ao crescimento político, com um Estado laico e igualitário em todo o território, ao lado do desenvolvimento econômico, alicerçado através da educação.

Civilizar era, para ele, prover o necessário à prosperidade do país e ao progresso de todas as províncias, ditando leis e regulamentos necessários para criar um estado de direito e promovendo a imigração, a construção de ferrovias, a colonização de terras de propriedade fiscal, a introdução e o estabelecimento de novas indústrias, a importação de capitais estrangeiros etc. Mas, também, era dar atenção ao progresso da cultura, organizando a educação nacional e assegurando o bem-estar e a liberdade de todos e de cada um dos habitantes, tanto como a soberania da república, segundo estabelece a Carta Magna da Argentina. (BRAVO, 2010, p. 15)

Como presidente argentino e fomentador do sistema educacional, Sarmiento nunca preocupou-se com a criação de uma teoria pedagógica própria ou a fundação de uma pedagogia sistemática. Através de suas obras, como *Educación comum* e *Educación popular*, pode-se perceber um interesse na aplicação de uma pedagogia política ou mesmo em políticas educacionais.

O princípio que norteia a concepção política de educação que Sarmiento apresenta centra-se na construção de um ensino esta-

(4) Sarmiento empreendeu viagens por vários continentes, sempre buscando novas formas de políticas educacionais que pudessem mudar a realidade da sua terra.

tal, público, gratuito e laico. O ponto de partida da transformação social empreendida, pelo então presidente argentino, localiza-se na educação primária.

A educação primária pretendida por Sarmiento abarca vários aspectos distintos, desde a educação da mulher, pois esta viria a ser a primeira grande mestra ou preceptora da criança, ensinando as bases da alfabetização, da moral e da cultura necessárias para a felicidade dentro da vida social, até à educação pública, profissional e, em última instância, à educação superior.

O Estado teria a obrigação de prover a educação, independentemente das condições sociais da família, pois a sociedade tem que apresentar interesse na educação, igualitária e laica, de todos os componentes sociais, pois estes deveriam estar prontos a assumirem seu papel na sociedade quando fossem requisitados.

A condição social dos homens depende muitas vezes de circunstâncias alheias à vontade. Um pai pobre não pode ser responsável pela educação de seus filhos, mas a sociedade em massa tem interesse vital em se assegurar de que todos os indivíduos que com o tempo formarão a nação tenham, pela educação recebida em sua infância, sejam preparados suficientemente para desempenhar as funções sociais a que serão chamados.  
(SARMIENTO, 1915 apud PUIGGRÓS, 2010, p. 111)

Sarmiento construiu escolas e grandes centros educacionais, visando a modificação do futuro da nação pelas veias da educação. Seu projeto tencionava alcançar o total desenvolvimento, para tanto acreditava que “o poder”, a riqueza e a força de uma nação dependem da capacidade industrial, moral e intelectual dos indivíduos que a compõem. Assim, a educação pública deveria possibilitar que todos os cidadãos pudessem alcançar esse crescimento, recebendo instrução, mas também conhecimento em relação ao modo de vida e higiene. A dignidade do Estado está ligada à dignidade de seus componentes.

A dignidade do Estado, a glória de uma nação já não podem ser cifradas, pois, senão na dignidade de condição de seus súditos; e essa dignidade não pode ser obtida senão elevando o caráter moral, desenvolvendo a inteligência e predispondo-a à ação ordenada e legítima de todas as faculdades do homem.  
(SARMIENTO, 1915 apud PUIGGRÓS, p. 111)

Desse modo, ele procurou na educação o grandetransformador social tão necessário em sua época. A falta desse movimento de emancipação acarreta no homem a perda da sua condição de sujeito perante a sociedade, tornando-o alienado, aceitando sua condição desumana e de subserviência.

Sendo assim, mesmo não se disfarçando as críticas ao plano educacional imposto por Sarmiento para a Argentina, ele possibilitou ao povo alcançar o meio/modo necessário para construir a estrada de sua transformação social: um ensino público, gratuito e laico, aplicado igualmente para todos, não importando ser o filho de um agricultor, ou de um latifundiário, serviria de base para a grande transformação social da nação Argentina.

### Aproximações e distânciamentos entre as ideias sobre educação de Sarmiento e Martí

Para Sarmiento, o homem devia ser ator de sua transformação social, alcançando um patamar de importância na vida pública, tendo discernimento de seu papel como cidadão. Conforme alertava, a barbárie criava-se através de um modo de vida desleixado, na forma brutal que o homem tratava a mulher e no desapego às questões político-sociais.

Para Martí, o americanismo sadio é a forma de vida que respeita a natureza de cada indivíduo, tendo a consciência e a alma puras, desenvolvendo-se com arbítrio, respeitando a liberdade e os direitos de qualquer outro povo. Ainda segundo Martí, existem dois povos na América, de almas diferentes, pela origem, costumes, sendo semelhantes somente na identidade como seres humanos. Esta outra América, que não é nossa, é melhor a inimidade não cultivar.

Tanto Martí como Sarmiento defenderam o ensino profissional, visando o desenvolvimento da nação, através da educação profissional do homem. Para Martí, o ensino profissional deveria ser alicerçado nos meios de produção já existentes, como, por exemplo, a agricultura. Esse ensino profissional deveria seguir uma fórmula que proporcionasse ao homem simples da terra novos meios de melhorar seu cultivo e sua colheita. Esse trabalho manual, aliado ao ensino científico, viria para complementar esses meios de produção, agregando e não substituindo conhecimento.

Sua luta pela educação científica vem acompanhada da valorização da educação para o trabalho manual baseado nos exemplos

das escolas norte-americanas, que ele contrapõe à tradicional educação escolástica latino-americana. O trabalho passa a ter, ele mesmo, um valor educativo para o saudável desenvolvimento físico, mental e moral. (STRECK, 2008, p. 61)

Contudo, Martí não defende a simples implementação do método norte-americano, pois, para ele, árvores de um clima específico não sobrevivem em outro diferente. Já Sarmiento, defensor de um ensino profissional e grande admirador das mesmas escolas profissionais norte-americanas, pensava numa educação profissional voltada ao desenvolvimento industrial da Argentina.

Entendemos por industria, en el caso presente, los diversos medios que los habitantes de um país ponen em ejercicio para proveer a su subsistencia, y crear capitales que a su vez suplan al trabajo individual y ayuden a emprender grandes y lucrativos trabajos. (SARMIENTO, 1950, p. 43)

O ensino público e obrigatório, na ótica de Sarmiento, é o grande caminho para o desenvolvimento da nação. O Estado tem o dever de financiar o ensino para aqueles que não podem mandar seus filhos às escolas. Além de gratuito, o ensino deveria ser laico, assim não sofreria a influência da Igreja e de seus preceitos. Esse ensino estatal, obrigatório, laico e gratuito é a forma encontrada por Sarmiento para tornar o homem comum, imerso na barbárie, num cidadão ao alcance da luzes da civilização.

Para Martí (2007), “[...] quando todos os homens souberem ler, todos os homens saberão” *votar* e isso somente ocorrerá quando o ensino for difundido, mas também abraçado por todos. O hábito de mandar os filhos para as escolas deverá ser inserido na cultura do povo, nem que para isso deverá ser imposto até multas. O projeto de instrução pública, sob vários olhares, se torna “uma sementeira de ideias”.

A educação da mulher é tema em que ambos se aproximam de uma forma mais contundente. A mulher tem papel fundamental, pois será a primeira grande mestra dos pequeninos, ensinando os rudimentos da moral e dos bons costumes. Ainda, a mulher é a grande juíza e conselheira do homem e das crianças. Seu papel é central na concepção de sociedade de ambos, pois ela centraliza, de alguma forma, todas as principais ações em torno de si.

Contudo, apresentam ideias distintas em relação à cultura do povo. Martí exalta a cultura indígena, a natureza do povo, o orgulho de viver nas dolorosas nações latino-americanas. Para Martí a luta não é entre a civilização e a barbárie, mas da natureza contra a falsa erudição. A prova da civilização está nos homens e mulheres que nela nascem.

O povo maior não é aquele em que uma riqueza desigual e desenfreada produz homens cruéis e sórdidos e mulheres venais e egoístas: povo grande, qualquer que seja seu tamanho, é aquele que dá homens generosos e mulheres puras. A prova de cada civilização humana está na espécie de homem e de mulher que nela se produz. (MARTÍ, 2007, p. 64)

Sarmiento vê na europeização do povo argentino a única forma de arrancá-lo da barbárie. Ensiná-lo os bons modos, costumes e até a higiene do povo civilizado da Europa, seria a forma ideal para reescrever o processo de desenvolvimento da nação. Essa integração aconteceria através da imigração, que forneceria o contato direto do povo rude com o povo culto. No contexto de Sarmiento, o índio só teria lugar se aceitasse ser apresentado às luzes da civilização; já para Martí, a educação faria o homem exaltar o papel do indígena.

Si la barbárie se perpetúa, si la inmoralidad crece, culpa es de la limitación de los medios de acción puestos em ejercicio para combatirla, y muy grande debe ser el fondo moral que existe em el hombre, cuando resiste a este abandono. (SARMIENTO, 1950, p. 39)

Sarmiento teme que, se o povo não possuir uma base cultural e uma educação forte, seja subjugado pelas indústrias estrangeiras e seus modos de produção, ou pela cultura dos povos imigrantes (europeus e norte-americanos), estes possuidores de uma educação mais completa e solidificada. Assim, o povo voltaria a sofrer com a dominação vinda de outros países. Levando em consideração o pensamento pedagógico de ambos, há discrepâncias no modo de ver educação dentro de seus conceitos. Ainda que via crescer uma nova forma de dominação, a econômica, é interessante tentar compreender as motivações que permeiam seus pensamentos em relação ao futuro de seu povo, de suas nações.

A discussão sobre “cultura” ganha traços de embate ideológico quando abordado dentro das linhas de pensamento de ambos os

autores. Martí tem uma visão mais conciliadora da questão cultural do povo, assumindo o desejo de uma evolução social a partir da tradição cultural que se apresenta na região. Já Sarmiento se apresenta mais radical frente a uma discussão da questão, pois acredita na substituição cultural e no branqueamento, visando uma evolução social e o desenvolvimento econômico.

Analisando previamente as linhas de pensamento de ambos autores, cria-se o sentimento de que Martí era pelo povo e Sarmiento pela economia. Surge uma certa forma de “maquianismo”, como o bondoso Martí contra o maldoso Sarmiento. Entretanto esse dualismo tem origem na visão atual dos fatos, vistos através da história. Não tentando justificar ou mesmo evidenciar uma linha de pensamento em detrimento a outra, ambas apresentam seus pontos fortes e suas fraquezas.

O que fica latente é um idealismo quase que utópico contra outro, firme em suas concepções, beirando o autoritarismo.

O certo é que nenhuma das duas teorias dão conta do proposto por elas em sua totalidade, contudo, de certa forma, buscam atender da melhor forma possível suas nações, dentro da realidade que ambas vivenciam. Mesmo que ambas, Cuba e Argentina, estejam localizadas num mesmo continente, a forma de interferências estrangeira tem traços diferentes. Se, de um lado, teme-se uma dominação mais cultural imposta pelo “Gigante de Sete Léguas” (Estados Unidos) e, portanto, tem que ser combatida através de uma ideologia que evidenciasse a tradição cultural, como proposto no ideário martiniano. Apresenta-se, na outra ponta, o temor presente de uma subserviência econômica por parte da Argentina, em relação à Inglaterra. Um projeto que evidenciasse somente a questão cultural não seria suficiente para proteger a nação de uma nova exploração. Era necessário desenvolver uma unidade nacional, através de uma identificação social, política e de uma independência econômica.

Partindo do princípio de uma dualidade de contextos, a análise de qual das propostas é a mais “correta”, acaba por se tornar uma difícil missão, pois ambas estão presas às concepções que seus autores julgavam ser a mais correta. Talvez fosse necessário uma junção de proposições, resgatando de Martí os valores referentes à cultura e de Sarmiento à determinação pelo desenvolvimento social e econômico. Numa livre reflexão, poderíamos pensar num projeto educacional que partisse, não do ensino primário, mas da valori-

zação cultural do povo – tendo sempre o cuidado para não beirar um nacionalismo extremo, o que poderia vir a ser prejudicial em relação à valorização das diferentes culturas regionais – buscando o orgulho pelas origens e suas tradições. A partir da valorização cultural, tratar-se-ia da educação, partindo, aí sim, da educação primária, visando à alfabetização e, daí por diante, tratando de disseminar a concepção e o sentimento de cidadania. Um povo conhecedor de seu papel como cidadão é um povo pronto para assumir as rédeas do desenvolvimento de sua nação; assim, a partir da valorização da cultura e da disseminação do sentimento de cidadania, o próximo passo seria focar no desenvolvimento econômico, e, por que não, industrial. Pensar nesse desenvolvimento econômico e industrial seria necessário, pois vendo o contexto da época, envolto no capitalismo industrial e com o crescente imperialismo, talvez fosse a única forma de manter a verdadeira autonomia. Ao invés de servir apenas como mão de obra, tomariam as rédeas da construção econômica do país. Entretanto, o papel do governo torna-se imprescindível a fim de evitar uma centralização dos meios produtivos por uma oligarquia tradicional (crioulos) e assim uma retenção da renda. Seria necessária uma série de medidas governamentais no intuito de assegurar uma distribuição igualitária da renda, pois, de outra forma, o povo serviria da mesma forma somente como mão de obra.

Contudo, tanto Sarmiento como Martí desejavam para seu povo uma evolução social e a libertação das garras do colonialismo europeu e do imperialismo norte-americano. Mesmo que de formas diferentes, com ideais diferentes, o poeta Martí e o gestor Sarmiento têm na educação do povo a munição e as armas para realizar a verdadeira revolução social e a independência política que tanto ansiavam para suas nações.

## The José Martí and Domingo F. Sarmiento's ideas about education a brief essay

**Abstract:** José Martí fought for an education that valued the suffered people of these lands, because he was proud to feel himself son of the suffering republics of America. He dreamed about an education that would contribute for freedom, but that didn't change the fight nature, the relationship with the earth and the pride that the Latin carries in the chest. That education would be to remove the man of the barbarism imposed by the foreigner. The barbarism was also very combated by other Latin called Domingo F. Sarmiento. Through what it could be considered a "conservative modernization", Sarmiento implemented a series of education politics based in the

European modernization's model to develop economically and culturally the Argentina of the century XIX. Through the idea of removing the Argentinean people of the social barbarism to which was inserted, Sarmiento instituted the primary teaching that it was public, obligatory and laic. He also founded centers of professional teaching, to propose integration between education and economical and industrial development. As much as Martí, with Americanism, Sarmiento, with incessant fight against the barbarism, also searched for the Latin homelands' valorization, but they had different forms to use in the search by that valorization and for independence. This article does a brief essay among the Martí's ideas about education and the Sarmiento's education politics to reflect about similarities and differences of the pedagogic ideal of both.

**Keywords:** Sarmiento, Domingo F. Marti, José. Social emancipation, Education. Latin America. Civilization.

## Referências

BEYHAUT, Gustavo; BEYHAUT, Hélène. *América Latina: de la independencia a la segunda guerra mundial*. Madrid: Siglo XXI, 1986.

BRAVO, Héctor Félix. *Domingo Sarmiento*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2010.

MARTÍ, José. *Educação em nossa América*. Apresentação e organização de Danilo R. Streck. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

\_\_\_\_\_. *Obras completas*. Habana: Centro de Estudios Martianos; Karisma Digital, 2001. (Edição Eletrônica)

PUIGGRÓS, Adriana. Domingo F. Sarmiento ou os antagonismos da cultura e da educação argentinas. In: STRECK, Danilo R. *Fontes da pedagogia latino-americana: uma antologia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 105-109.

SÁNCHEZ-BARBA, Mario Hernández. *Formación de Las Naciones Iberoamericanas (Siglo XIX)*. Madrid : ANAYA, 1988.

SARMIENTO, Domingo F. *Educación Comum*. Buenos Aires: Editorial Luz del Dia, 1950.

STRECK, Danilo R. *José Martí e a Educação*. Belo Horizonte : Autêntica, 2008.

**Artigo submetido em 22/08/11 e aceito para publicação em 9/11/11.**